

FUNDADO EM 1868

O PRIMEIRO DE JANEIRO

www.oprimeirodejaneiro.pt



www.netdominium.pt

JANEIRO DIRECTO | QUEM SOMOS | ARQUIVO | ASSINAR | PEÇA NOTÍCIAS | CONTACTOS

08 de Março de 2005

PRIMEIRA PÁGINA
EDITORIAL
PORTO
CASOS DO DIA
REGIÕES
NACIONAL
INTERNACIONAL
ECONOMIA
DESPORTO
CULTURA
À NOITE
ANÚNCIOS PESSOAIS
OPINIÃO
EDUCAÇÃO
SOCIEDADE
INFORMAÇÕES ÚTEIS
ÚLTIMA

Janeiro Caderno Dossier > Inovação & Desenvolvimento

PESQUISAR

CADERNOS

PRIMEIRA PÁGINA

O PRIMEIRO DE JANEIRO

IPPAR mantém o chumbo ao Túnel de Ceuta

Grande Porto não terá problemas de abastecimento de água

INEGI – Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial

Investigação a todos os níveis

O INEGI é um instituto de investigação industrial que tem como objectivo contribuir para o desenvolvimento da indústria nacional através de investigação e desenvolvimento, demonstração e transferência de tecnologia nas áreas de concepção e projecto, materiais, produção, energia, manutenção, gestão e ambiente. Criado há cerca de 19 anos, o INEGI foi, em Julho de 1990, declarado instituição de utilidade pública, bem como instituição relevante para o desenvolvimento científico e tecnológico do País.



O INEGI – Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial é uma instituição sem fins lucrativos de utilidade pública criada há 19 anos, tendo dado os seus primeiros passos no seio da Universidade do Porto, mais particularmente na Faculdade de Engenharia, no Departamento de Engenharia Mecânica.

«O Primeiro de Janeiro» conversou com Augusto Barata da Rocha e José Sampaio, respectivamente presidente e director geral desta instituição vocacionada para a colaboração com a indústria.

O INEGI nasceu por iniciativa de “um conjunto de professores universitários portadores de determinadas competências tecnológicas que entendiam que poderiam ser úteis ao tecido

industrial português” e que, devido à legislação vigente na época relativa ao estatuto da carreira docente, sentia uma “série de restrições em termos de organismo público, enfrentando grandes dificuldades em manter um relacionamento estreito com o mundo empresarial”. Deste modo, a forma encontrada para ultrapassar este problema foi a criação de um instituto, inicialmente com capital maioritariamente público, mas já incorporando algumas empresas no capital social, de forma a poder funcionar com maior agilidade. O objectivo central para a criação do INEGI foi então a possibilidade de, face a determinada necessidade de determinada empresa e através de um protocolo com a universidade, os universitários poderem assumir uma participação activa em projectos ligados à inovação e ao desenvolvimento industrial. “Uma das barreiras era e é a dedicação exclusiva, que limita fortemente a abertura da universidade ao exterior e é um conceito que está completamente ultrapassado, sobretudo nas áreas tecnológicas”, explica Augusto Barata da Rocha. O investigador acrescenta mesmo que, embora a “exclusividade tenha o intuito de fazer com que os docentes universitários estejam fundamentalmente a trabalhar para a universidade, quando existem competências que podem ser úteis ao País não faz sentido que elas fiquem dentro das quatro portas da universidade e não sejam colocadas no mercado a apoiar o aumento da competitividade e o desenvolvimento das empresas portuguesas”.

A criação do INEGI foi então uma forma de contornar essas dificuldades e, através de “um protocolo com a Universidade do Porto, criou-se este instituto, sendo que a partir daí a ligação à indústria começou a ser mais fácil, mais flexível e, sobretudo, autónoma – para estabelecer um contrato com uma empresa, os orçamentos, a facturação, entre outras, dependem apenas de nós e não de uma universidade, de um reitor ou de um organismo do Estado”. A criação do INEGI nos seus presentes moldes proporciona uma maior agilidade e rapidez de arranque e execução dos projectos, “porque senão quando viesse a autorização já o projecto estava enterrado”, acrescenta Augusto Barata da Rocha.

Assim, o INEGI arrancou no seio da própria Universidade do Porto, constituindo mesmo “uma imagem do próprio departamento. As pessoas que trabalhavam no Departamento de Engenharia Mecânica trabalhavam para a universidade, mas quando havia um desafio industrial, essa mesma estrutura vestia um outro chapéu e chamava-se INEGI e podia ter um relacionamento com o tecido industrial num modelo diferente”.

Por volta da década de 90, o INEGI recebeu um “grande apoio através do PEDIP – Plano Específico do Desenvolvimento da Indústria Portuguesa – que, na altura, era gerido pelo Ministério da Indústria”. Neste contexto, o INEGI candidatou-se a um investimento significativo para criar laboratórios de investigação e unidades tecnológicas, de modo a reforçar ainda mais a já existente ligação à indústria. “O projecto foi aprovado, um projecto para quase dois milhões de contos para equipamento e instalações, e houve mesmo uma tentativa falhada do INEGI se instalar junto à nova Faculdade de Engenharia. No entanto, o processo de construção da nova Faculdade de Engenharia estava atrasado e não foi possível sedear o INEGI junto àquela faculdade”.

Assim, a partir de 1990 foi necessário encontrar uma solução alternativa. “Encontrámos uma antiga fábrica de colchões com cerca de 6000 metros quadrados, que comprámos com a verba concedida pelo PEDIP, e instalámos aqui um conjunto de laboratórios, de áreas tecnológicas e de centros de investigação, precisamente para se estabelecer este relacionamento com o tecido industrial”, clarifica Augusto Barata da Rocha. Uma imposição do PEDIP foi que o INEGI fosse maioritariamente privado, pelo que nessa altura houve entrada de capital de várias empresas e “hoje o INEGI é uma instituição maioritariamente privada”. Portanto, a Universidade do Porto e a Faculdade de Engenharia têm um peso muito grande no seu capital social, cifrando-se esse valor em cerca de 49 por cento. Uma outra particularidade é a intenção de que o instituto se mantenha sempre e continue a ser uma instituição de investigação. Deste modo, “os estatutos prevêem que a presidência e a vice-presidência do instituto sejam sempre feitos por duas pessoas designadas pelo reitor da Universidade do Porto”. No entanto, a direcção do INEGI é composta por cinco elementos, dois da Universidade do Porto e três dos outros sócios particulares.

Concelho PORTO

Concelho VILA NOVA DE GAIA

Concelho MATOSINHOS

Concelho MAIA

Concelho VILA DO CONDE

rostos

SE7E

dasARTESdas LETRAS

Justiça&Cidadania

O PRIMEIRO DE JANEIRO REGIÕES

O PRIMEIRO DE JANEIRO DOSSIER

O PRIMEIRO DE JANEIRO municípios

O PRIMEIRO DE JANEIRO EMPRESAS DE SUCESSO

SONDAGEM

Governo e Banco de Portugal dizem que a retoma é moderada, mas está aí. Está confiante no crescimento da economia nos próximos tempos?

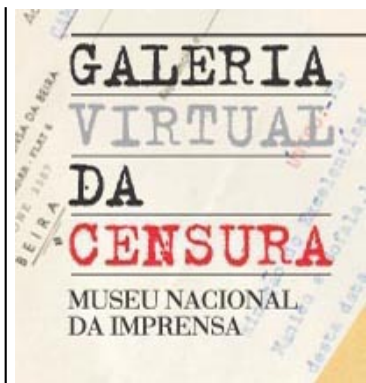
Sim

Não

PUBLICIDADE

PIXmania.com

FOTO - VIDEO - SOM



Concelho Maia

METEOROLOGIA	
Aveiro	
↓T. Mínima: 5°C	↑T. Máxima: 14°C
Beja	
↓T. Mínima: 2°C	↑T. Máxima: 16°C
Bragança	
↓T. Mínima: -6°C	↑T. Máxima: 11°C
Castelo Branco	
↓T. Mínima: 1°C	↑T. Máxima: 14°C
Coimbra	
↓T. Mínima: 3°C	↑T. Máxima: 15°C
Évora	
↓T. Mínima: 1°C	↑T. Máxima: 16°C
Faro	
↓T. Mínima: 8°C	↑T. Máxima: 18°C
Flores	
↓T. Mínima: 14°C	↑T. Máxima: 18°C
Funchal	
↓T. Mínima: 13°C	↑T. Máxima: 19°C
Horta	
↓T. Mínima: 14°C	↑T. Máxima: 17°C
Lisboa	
↓T. Mínima: 6°C	↑T. Máxima: 18°C
Ponta Delgada	
↓T. Mínima: 14°C	↑T. Máxima: 18°C
Porto	
↓T. Mínima: 4°C	↑T. Máxima: 11°C
Porto Santo	
↓T. Mínima: 11°C	↑T. Máxima: 17°C
Viana do Castelo/Braga	
↓T. Mínima: 5°C	

Entretanto, o INEGI foi crescendo e, "à medida que os contactos com a indústria foram aumentando, os casos de sucesso foram também aparecendo e nós fomos forçados a começar a contratar pessoal próprio do Instituto". Este crescimento manifestou-se de forma significativa, sendo que actualmente estamos a falar de um dos grandes institutos de investigação do País, "onde gravitam já cerca de 150 pessoas, dos quais 70 contratados - quadros superiores e técnicos do próprio INEGI, que não têm relação com a universidade". A componente de investigação encontra-se também bastante desenvolvida, sendo que o INEGI acolhe muitos bolsеiros nas mais variadas áreas da Engenharia Mecânica e Gestão Industrial. Estes estudantes e investigadores "passam e saem, estão aqui um ou dois anos, fazem um mestrado ou participam num projecto de investigação e normalmente saem para empresas já com uma formação avançada". O INEGI dispõe igualmente de cerca de 40 colaboradores universitários com uma cooperação regular. Augusto Barata da Rocha afirma mesmo que este número é mais elevado, mas que apenas são contabilizados "aqueles universitários com quem existe um compromisso efectivo de colaboração ao longo do tempo". Paralelamente, existem também colaboradores que, existindo um projecto específico numa determinada área, participam durante três meses e vão-se embora. Assim, "estamos a falar de 40 pessoas com uma colaboração regular que já dura há seis, sete, dez anos, com o Instituto".

O INEGI então foi crescendo e continua a crescer, sendo que os seus responsáveis sentem um grande orgulho "por terem passado por este período todo de grande crise económica sempre em crescimento, o que é um bom sintoma". Normalmente, que a situação económica é de crise, as áreas de investigação e desenvolvimento e a aposta na inovação são sacrificadas em detrimento da sobrevivência da empresa. "Nós temos vindo a passar por este período denotando um crescimento acentuado e com resultados positivos, o que para nós é sintoma de que estamos aqui a fazer um bom trabalho. Portanto, estamos com alguma esperança que o País consiga finalmente sair deste clima depressivo de crise económica, porque contámos que isso também traga um novo impulso ao Instituto, que se tem portado bem, que tem crescido, mas que tem uma posição sempre frágil", confessa Augusto Barata da Rocha. A relativa fragilidade do INEGI deriva do facto de que o Instituto não tem capacidade para criar receitas significativas que permitam fazer grandes investimentos em novas áreas, "apenas temos sobrevivido razoavelmente bem durante este tempo de crise", explica José Sampaio. "Gostaríamos no futuro de acabar com a palavra «sobrevivência» e de falar antes de uma actividade lucrativa, pois, apesar de sermos uma instituição sem fins lucrativos, gostaríamos de gerar lucro para poder reinvestir em novos temas, novas áreas, novos desenvolvimentos, o que não tem sido possível", confidencia igualmente Augusto Barata da Rocha. Esta situação deve-se ao facto de que as verbas geradas pela actividade regular do Instituto serem apenas suficientes para a sua manutenção. No entanto, para um instituto de investigação como o INEGI, era "absolutamente fundamental que, no fim do ano, se libertassem verbas para apostar em novas áreas, pois nós temos muitas e gostaríamos de investir, mas temos alguma dificuldade em cativar verbas para esses novos investimentos e para a aposta nessas novas áreas que, no nosso ponto de vista, são absolutamente essenciais", esclarece o investigador.

Quanto à actual conjuntura da investigação em Portugal, Augusto Barata da Rocha afirma que "é tanto mais difícil sobreviver a fazer investigação quanto mais pequeno é o país; e nós somos um país pequeno. Acho que é tanto mais difícil sobreviver a fazer investigação quanto mais periféricos formos; e nós somos um país periférico. É tanto mais difícil fazer investigação quanto mais pequenas forem as empresas; e nós temos um tecido industrial de micro e pequenas empresas. Portanto, temos muitos factores contra nós". Assim, os casos de sucesso apresentados pelo INEGI, que o Instituto se orgulha de divulgar, são de grandes empresas ou de grupos multinacionais, que apostam no desenvolvimento e na investigação em Portugal, embora estas situações apenas sejam possíveis através de um relacionamento com universidades e institutos de interface. "Só que, infelizmente, contam-se pelos dedos esses casos, não há muitas multinacionais a apostar em investigação e desenvolvimento em Portugal", constata José Sampaio. A solução para este estado de coisas passa, portanto, por uma abertura por parte da indústria portuguesa, mesmo as médias empresas, a uma dinâmica de inovação, pois Portugal possui um mercado muito grande onde o instituto pode ser muito útil em muitos campos, porque o INEGI está ligado à Engenharia Mecânica, que é dos mais abrangentes sectores da engenharia. "Nós temos projectos de investigação a decorrer na aeronáutica, na aeroespacial, nos materiais compostos, na indústria automóvel, na energia eólica, nas pilhas de combustível, nos carros a hidrogénio, na fundição, na conformação plástica, é um mundo de temas e a Engenharia Mecânica é talvez dos ramos da engenharia com um campo de aplicação mais vasto. O nosso mercado potencial é enorme, porque desde uma fábrica de painéis até à Agência Espacial Europeia, nós temos um contributo a dar – e damos", assegura Augusto Barata da Rocha.

[Comentários](#)

Sub - Temas :

- [Qualidade](#)
- [Especial - 136º Aniversário](#)
- [Formação](#)
- [Arquitectura](#)
- [Inovação & Desenvolvimento](#)
- [Mundo Animal](#)
- [Moda Têxteis](#)
- [Vila do Conde](#)
- [FC Vizela](#)
- [Oftalmologia](#)
- [Bioquímica em Portugal](#)
- [Empresas de Sucesso e de Qualidade](#)
- [Ambiente e Recursos Naturais](#)

[«« Voltar](#)

↑T. Máxima: 15°C

Visu

↓T. Mínima: -1°C

↑T. Máxima: 11°C

Site Optimizado para 800x600

© Copyright 2001 O Primeiro de Janeiro. Todos os direitos reservados.

Desenvolvido por [GLOBAZ](#)